

Um
mundo de
oportunidades

V.6 2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

ANDRÉ CARLOS ALVES DE PAULA FILHO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

CLÉBER OLIVEIRA SOARES

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CIBELLE DE ANDRADE SILVA

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Augusto Billi

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe Técnica:

Rodrigo Lopes de Almeida

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Caio César Simão

Luciana Pich Gomes

Juçara Aparecida André Dokonal

Eduardo Magalhães

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Alessandro Fidelis

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Tiago Charão

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Roberto Carlos Papa

Carlos Turchetto

Fernanda Mascarenhas Magalhães

André Okubo

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Luna Lisboa

Frederique Abreu

Andréa Moura

Warley Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Lucas Fiuza

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo

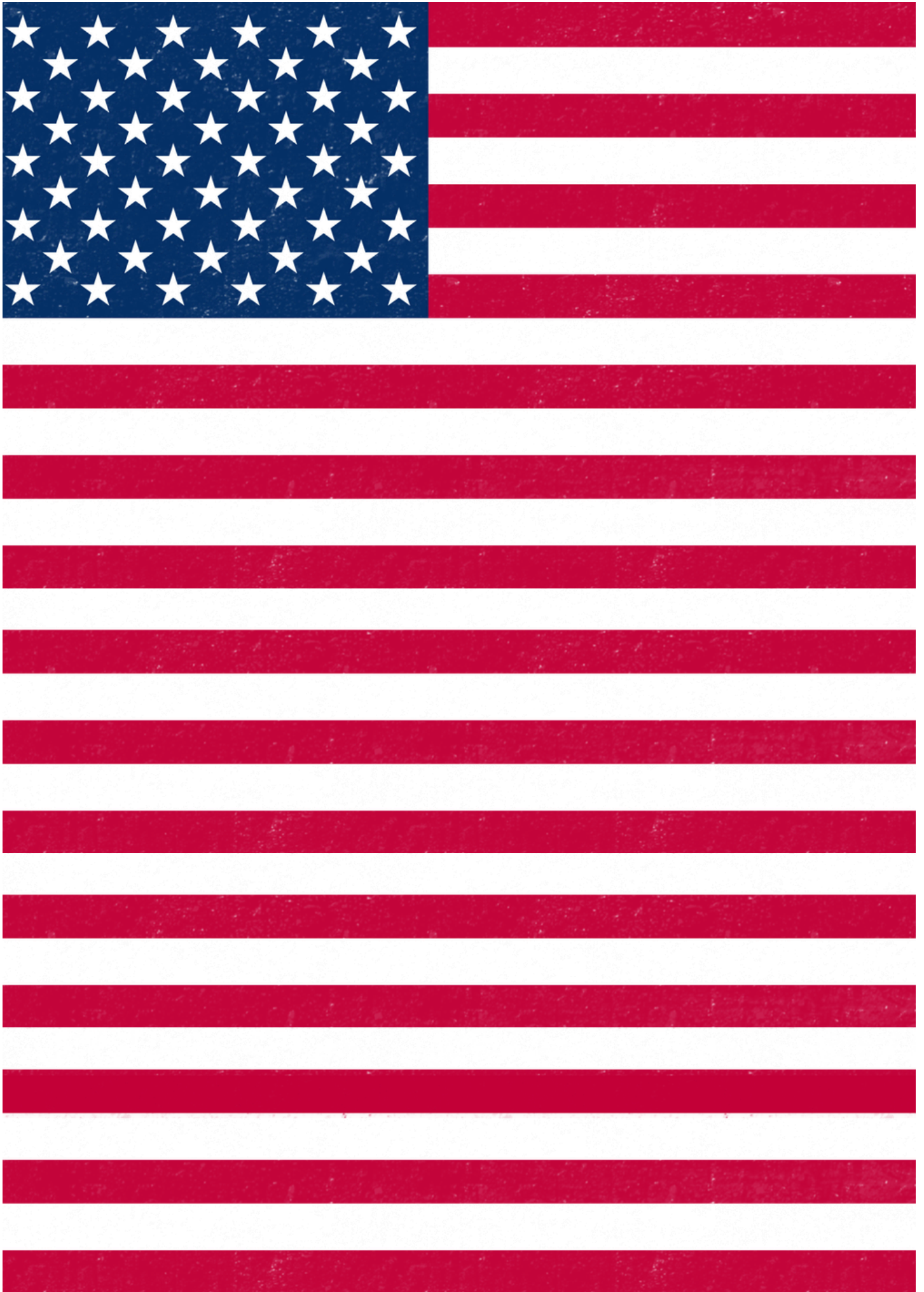
O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro André de Paula e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.





CARNE BOVINA NOS EUA: CICLO PECUÁRIO, PREÇOS E O NEW WORLD SCREWORM

Data: 12/06/2026

Posto: WASHINGTON/ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Palavras-chave: Estados Unidos; Carne bovina; Rebanho; Produção; Comércio; Preços; New World Screwworm; Oportunidades para o Brasil.

Responsável: Ana Lúcia de Paula Viana, Adida Agrícola; e Mateus Voltolini, Assistente Técnico.

SUMÁRIO:

O mercado de carne bovina dos Estados Unidos atravessa, em 2026, um momento singular: o rebanho nacional atingiu 86,2 milhões de cabeças em 1º de janeiro (seu menor patamar em 75 anos), enquanto os preços do gado e da carne batem recordes sucessivos. A contração do ciclo pecuário, já no seu 12º ano, restringe a oferta doméstica e mantém os Estados Unidos estruturalmente dependentes de importações de carne magra para processamento, justamente o segmento em que o Brasil é competitivo. Para os exportadores brasileiros, o quadro melhorou substancialmente em relação ao auge de 2025. A tarifa adicional de 40% que vigorou entre agosto e novembro de 2025 e que, somada às demais alíquotas, elevava a carga sobre a carne bovina brasileira a 76,4%, foi removida por ordem executiva norte-americana em 20 de novembro de 2025. Com isso, o Brasil voltou a competir sob a tarifa extracota de 26,4% e reassumiu a posição de segundo maior fornecedor de carne bovina aos EUA. Persistem, contudo, dois riscos relevantes: a ausência de cota específica para o Brasil (que opera dentro da pequena cota Other Countries, reduzida a 52 mil toneladas em 2026) e a recente detecção da bicheira (New World Screwworm) em território norte-americano, com potencial de afetar tanto a oferta interna quanto o ambiente sanitário e regulatório do comércio regional.

1.Introdução - Panorama do Setor Pecuário Norte-Americano

Os Estados Unidos são o maior produtor mundial de carne bovina e, historicamente, o maior consumidor. Entretanto, o setor está em fase descendente de um ciclo pecuário prolongado. Em janeiro de 2026, o inventário total de bovinos e bezerros foi estimado pelo USDA/NASS em 86,2 milhões de cabeças, queda de 0,4% sobre o ano anterior e o menor número desde 1951. O rebanho apresenta uma contração de cerca de 9% desde 2019.

O dado mais relevante do relatório de janeiro do NASS foi o estoque de vacas de corte, estimado em 27,6 milhões de cabeças – recuo de 1% e o menor nível desde 1961. A retenção de novilhas de reposição para corte cresceu marginalmente (0,9%, para 4,71 milhões), o primeiro aumento anual em uma década, mas ainda insuficiente para sinalizar reconstrução do rebanho.

O nascimento de bezerros em relação ao ano anterior teve redução de 2%, totalizando 32,9 milhões de cabeças, e o gado em confinamento recuou 3%, para 13,8 milhões. Em síntese, o relatório evidenciou o entendimento de que a oferta de gado permanecerá restritiva ao longo de 2026 e, muito provavelmente, em 2027.

Tabela 1 — Inventário bovino dos EUA em 1º de janeiro de 2026

Categoria	2026 (mil cab.)	Variação a/a
Total de bovinos e bezerros	86.155	-0,4%
Vacas de corte	27.607	-1,0%
Vacas de leite	9.568	+2,0%
Novilhas de reposição (corte)	4.714	+0,9%
Gado em confinamento	13.800	-3,0%
Nascimento de bezerros	32.900 (em 2025)	-2,0%

Fonte: USDA/NASS, Cattle Report (30 jan. 2026). Cinco maiores estados: Texas (12,1 mi), Nebraska (6,15 mi), Kansas (5,85 mi), Califórnia (5,05 mi) e Oklahoma (4,65 mi).

2.Produção Norte-Americana

Apesar da contração do rebanho, a produção de carne bovina em 2025 atingiu níveis elevados graças ao aumento expressivo dos pesos de carcaça. O peso médio do gado em confinamento superou recordes em todos os trimestres de 2025, atingindo cerca de 662 kg no quarto trimestre, 3,5% acima da média de cinco anos. Esse fenômeno, de "mais carne por animal", compensou parcialmente a queda no número de animais abatidos.

Para 2026, o USDA projeta retração da produção. Na estimativa do relatório WASDE do mês de maio, a produção de carne bovina foi revisada para baixo, a cerca de 11,6 milhões de toneladas, em razão de um ritmo de abate mais lento na primeira metade do ano. Para 2027, a produção deve recuar adicionais 0,9%, para 11,48 milhões de toneladas. O abate de bovinos no segundo trimestre de 2026 deve ficar entre 4% e 6% abaixo do ano anterior, segundo analistas privados.

3.Comércio Exterior: Importações e Exportações

A combinação de oferta interna apertada e demanda firme transformou os EUA em importadores líquidos crescentes de carne bovina. O Foreign Agricultural Service (FAS/USDA) projeta importações norte-americanas em alta também em 2026, sustentadas pela forte demanda por carne magra de processamento (lean processing beef), insumo essencial para a indústria de hambúrgueres e carne moída. De acordo com o relatório WADE do mês de maio, as importações de 2025 foram estimadas em cerca de 2,48 milhões de toneladas (alta de 16% sobre 2024), devendo atingir 2,77 milhões em 2026 com uma baixa redução em 2027 totalizando 2,72 milhões de toneladas.

Tabela 2 — Importações dos EUA de carne bovina e derivados, por origem (volume em toneladas)

País	2025	Jan-Abr 2025	Jan-Abr 2026	Δ% período
Austrália	497.269	139.744	159.467	+14,1%
Canadá	366.972	118.583	120.923	+2,0%
Brasil	294.610	157.924	168.960	+7,0%
México	278.748	81.317	102.426	+26,0%
Nova Zelândia	184.394	81.197	76.040	-6,4%
Total mundial	1.927.187*	683.603	784.001	+14,7%

Fonte: USDA/FAS, Global Agricultural Trade System (GATS). "Beef & Beef Products" (BICO). Top 5 por volume de 2025.
* = Volumes em peso do produto, não comparáveis às projeções do WASDE (equivalente-carcaça).

Os principais fornecedores de carne aos EUA permanecem sendo Austrália, Canadá, Brasil, México e Nova Zelândia. A Austrália dispõe de cota bilateral de 378.214 toneladas em 2026, enquanto o Brasil, sem acordo de livre-comércio, compete na limitada cota Other Countries, reduzida a cerca de 52.000 toneladas em 2026 após os EUA transferirem 13.000 toneladas para o Reino Unido.

No fluxo de exportação, os dados do GATS confirmam a retração: os embarques norte-americanos recuaram 11,2% em volume no acumulado de janeiro a abril de 2026, com destaque para o colapso das vendas à China (-94%), reflexo direto da não renovação das habilitações de plantas norte-americanas por Pequim. Parte desse volume foi redirecionada a Hong Kong, cujas compras praticamente dobraram no período. Para 2026, o relatório WASDE de maio reduziu a estimativa de exportação para 1,07 milhões de toneladas (e para 1,06 milhões em 2027), refletindo o ritmo lento de embarques no início do ano e a menor disponibilidade interna.

Tabela 3 — Exportações dos EUA de carne bovina e derivados, por destino (volume em toneladas)

País	2025 (ano)	Jan-Abr 2025	Jan-Abr 2026	Δ% período
Japão	237.974,8	82.220,9	74.959,1	-8,8%
Coreia do Sul	232.173,5	81.639,7	76.447,7	-6,4%
México	209.094,3	72.537,2	72.860,8	+0,4%
Canadá	96.289,2	32.467,1	28.611,9	-11,9%
China	59.403,7	50.020,1	3.006,6	-94,0%
Total mundial	1.136.223,6	411.037,4	365.139,7	-11,2%

Fonte: USDA/FAS, Global Agricultural Trade System (GATS). "Beef & Beef Products" (BICO). Top 5 por volume de 2025.

* = Volumes em peso do produto, não comparáveis às projeções do WASDE (equivalente-carcaça).

4.Preços de Mercado

2025 foi um ano de preços recordes nos EUA, e a tendência se intensificou em 2026. O preço médio do boi gordo (fed steer) subiu de US\$ 4,12/kg em 2024 para aproximadamente US\$ 4,94/kg em 2025, com pico sazonal acima de US\$ 5,40/kg em meados de agosto. Em maio de 2026, a média semanal nas cinco principais praças para o boi gordo alcançou um novo recorde de US\$ 5,44/kg.

O segmento mais aquecido foi o do gado de reposição (feeder cattle): os contratos futuros atingiram máxima histórica de US\$ 8,40/kg em outubro de 2025. Para efeito de comparação, o recorde de 2014-2015 havia sido de US\$ 5,31/kg. Bezerros de cerca de 250 kg superaram US\$ 9,92/kg em diversos estados do Sul dos EUA. A carcaça desossada no atacado (boxed beef) seguiu em níveis elevados, com a categoria de carne Choice (conforme classificação do USDA) elevando-se em 15% no primeiro trimestre de 2026 em relação ao ano anterior.

O USDA projeta preços do boi gordo em torno de US\$ 5,29/kg em 2026, com analistas privados estimando médias entre US\$ 5,51/kg e US\$ 5,62/kg no segundo trimestre. O reflexo no varejo é direto: o preço da carne ao consumidor norte-americano subiu cerca de 12% em abril de 2026 na comparação anual, segundo o índice de preços ao consumidor (CPI), pressionando a política comercial do país.

5.A Detecção da Bicheira (New World Screwworm) nos EUA

O evento sanitário de maior repercussão no setor é o surgimento, em território norte-americano, da bicheira-do-novo-mundo (New World Screwworm, NWS). Em 3 de junho de 2026, o USDA confirmou a primeira detecção no país em quase 60 anos, em um bezerro de três semanas no condado de Zavala, Texas. Em 5 de junho, foi confirmada uma segunda detecção em um bezerro de um mês na mesma região, dentro da zona de controle de movimentação estabelecida. Detecções adicionais foram reportadas nos condados de La Salle e Gillespie (Texas) e em Lea County, no Novo México.

A praga, cujas larvas se alojam no tecido vivo de animais de sangue quente, ressurgiu em Chiapas (México) em novembro de 2024 e avançou para o norte. A resposta do USDA combina a técnica do inseto estéril, com dispersão de cerca de 100 milhões de moscas estéreis por semana ao longo da fronteira e liberações aéreas e terrestres na zona afetada do Texas, com quarentenas, controle de trânsito e vigilância reforçada em um raio de 20 km.

É importante destacar, conforme enfatizado pelo próprio Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, que a NWS não compromete a segurança do suprimento alimentar: a praga não infesta carnes, frutas ou hortaliças, e o sistema de inspeção impediria a entrada de produto afetado na cadeia comercial. O impacto econômico, porém, é material. O fechamento, pelos EUA, da fronteira com o México à importação de gado vivo, vigente desde maio de 2025 como medida sanitária, retira de 1,2 a 1,5 milhão de cabeças anuais do abastecimento de confinamentos norte-americanos, agravando o aperto de oferta e sustentando os preços do gado de reposição. Estimativas de entidades do setor apontam que um surto em larga escala poderia gerar perdas econômicas superiores a US\$ 10 bilhões.

6.O Ângulo Brasileiro: Acesso, Tarifas e Janela de Oportunidade

Para o Brasil, 2025 foi um ano de montanha-russa tarifária com os Estados Unidos. No primeiro semestre, os embarques foram recordes – o país exportou mais de 181 mil toneladas aos EUA até junho, quase três vezes a cota anual, com uma tarifa extracota de 26,4%. Em agosto de 2025, porém, os EUA impuseram tarifa adicional de 40% (no contexto de medidas que somavam até 50%), elevando a carga total da carne bovina brasileira a 76,4% e tornando o comércio inviável. Os embarques ao mercado norte-americano chegaram a recuar de forma acentuada, e parte da indústria suspendeu vendas, redirecionando volumes à China.

A virada veio em 20 de novembro de 2025, quando ordem executiva da Casa Branca citando progresso nas negociações entre os presidentes dos dois países e o objetivo de reduzir os preços ao consumidor norte-americano, removeu a tarifa adicional de 40% sobre a carne bovina e outros produtos relevantes para o Brasil. Com isso, a carne bovina brasileira voltou a ingressar sob a tarifa extracota de 26,4%, recuperando sua competitividade.

Os resultados de 2026 confirmam a recuperação: a cota foi preenchida em apenas seis dias após a virada do ano comercial, e, no acumulado de janeiro a abril de 2026, os EUA foram o segundo maior destino da carne bovina brasileira, com 124.553 toneladas, equivalentes a 13% das exportações totais do Brasil, atrás apenas da China. Persiste, no entanto, a vulnerabilidade estrutural: o Brasil não dispõe de cota específica nem de acordo de livre-comércio, competindo na cota Other Countries (reduzida a 52 mil toneladas em 2026), enquanto uma quantidade significativa de seus embarques paga a tarifa extracota.

7. Considerações Estratégicas e Recomendações

a. Monitorar o desfecho sanitário da bicheira (NWS). A evolução do surto no Texas e no Novo México pode redesenhar o ambiente regulatório regional.

b. Aproveitar a janela de competitividade restaurada. Com a remoção da tarifa de 40%, a carne magra de processamento brasileira recuperou espaço justamente no segmento em que os EUA são deficitários. Exportadores devem priorizar embarques no início do ano comercial (janeiro), quando a cota Other Countries é reaberta, e considerar o uso de armazéns alfandegados (bonded storage) para otimizar o calendário.

c. Acompanhar o risco da Seção 301 e de novas medidas. Investigações comerciais em curso podem reintroduzir barreiras. A carne bovina foi, até aqui, excluída de propostas tarifárias recentes, mas subprodutos como o sebo (tallow) não tiveram o mesmo tratamento.

d. Pleitear melhoria de acesso. A ausência de cota específica é a principal desvantagem estrutural do Brasil frente a países como a Austrália. A China absorveu o choque de 2025 e segue como principal destino, mas sinaliza restrições por cota ao longo de 2026. Manter os EUA como destino estratégico – de alto valor e demanda estável por carne magra – protege o exportador brasileiro de concentração excessiva no mercado chinês.

8. Conclusão

O mercado de carne bovina dos Estados Unidos combina, em 2026, escassez de oferta e preços recordes – um quadro estruturalmente favorável aos fornecedores estrangeiros de carne magra de processamento, posição em que o Brasil é altamente competitivo. A remoção da tarifa adicional de 40% em novembro de 2025 reabriu, na prática, a porta do segundo maior mercado brasileiro, conforme já demonstram os volumes recordes do início de 2026. Restam, porém, dois fatores de incerteza a serem acompanhados de perto: a trajetória da bicheira (NWS), que adiciona pressão à oferta interna e ao ambiente sanitário regional, e a fragilidade do acesso brasileiro, limitado por uma cota pequena e pela ausência de acordo de livre-comércio. A recomendação central é clara: aproveitar a janela de competitividade hoje restaurada, com vigilância contínua sobre os riscos tarifários e sanitários que podem alterá-la a qualquer momento.